



Flaming e cyberbullying: o lado negro das novas mídias

*Flaming and cyberbullying:
the dark side of new media*

Glaucio Aranha¹

RESUMO O presente estudo aborda a prática de *flaming* como variação de *cyberbullying*. Metodologicamente, propõe uma abordagem descritiva, aliada à pesquisa bibliográfica e estudos de caso. Como resultados principais, registra o fenômeno proposto, estabelece diferenças entre o *flaming* e outros comportamentos emparelhados, contextualiza o objeto e suas variações em diferentes contextos culturais. Contribui fornecendo bases descritivas para futuros desdobramentos em relação ao objeto ainda pouco abordado na literatura acadêmica dos estudos midiáticos, principalmente no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE novas mídias; *flaming*; *flame war*; *cyberbullying*.

ABSTRACT The present study focuses flaming as a cyberbullying practice. Methodologically, it proposes a descriptive approach, using also bibliographic research and case studies. As main results, it registers the proposed phenomenon, establishes differences between flaming and other similar behaviors, contextualizes the object and its variations in different cultural contexts. It contributes to future studies providing descriptive information related to this object not much studied in academic literature, especially in Brazil.

KEYWORDS new media; flaming; flame war; cyberbullying.

¹ Graduado em Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Comunicação e Doutor em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisador e Diretor-Presidente da Organização Ciências e Cognição (OCC). Pesquisador-associado do Núcleo de Divulgação Científica e Ensino de Neurociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NuDCEN/UFRJ). E-mail: glaucioaranha@gmail.com

INTRODUÇÃO

Atualmente, grande parte das pessoas está familiarizada com canais de troca de informação pessoal, como redes sociais, e-mails, fóruns de discussão, entre outros. Essa popularidade leva à equivocada construção, pelo senso comum, de uma imagem do ambiente virtual como uma utopia democrática, sendo corrente a identificação do “ciberespaço” com a ideia de um abrigo para a livre expressão e proliferação de ideias.

As barreiras técnicas e recursos de controle que podem ser impostos ao usuário comum são, em sua grande maioria, desconhecidos pela massa dos usuários. Todavia, a preocupação central do presente artigo não repousa sobre os obstáculos impostos ao livre fluxo de informação por governos, corporações ou qualquer outra instância institucionalizada, mas sobre um fenômeno de restrição de liberdade oriundo dos próprios usuários: a prática do *flaming*. Trata-se de uma forma de *cyberbullying* que muito se afasta do discurso sobre o éden democrático, o eldorado virtual.

A questão do *flaming* e outras formas de *cyberbullying* similares é apresentada e problematizada a partir de uma abordagem descritiva, valendo-se, como método, do diálogo entre a bibliografia disponível sobre o tema e o estudo de casos, com atenção para os seus aspectos midiáticos. Vale destacar que os procedimentos preliminares da pesquisa bibliográfica revelaram haver escasso material oriundo do campo da comunicação, principalmente no Brasil. Tal fato levou à necessidade de ampliação da busca para áreas correlatas, onde os resultados indicaram igualmente uma tímida produção acerca do fenômeno.

Obviamente, o tema é atravessado por ângulos pertinentes a interfaces com as ciências sociais

e políticas, a psicologia, entre outras; todavia, interessa aqui, especificamente, tratar o tema do ponto de vista centrado na mídia e seus processos, buscando preencher uma importante lacuna para os estudos midiáticos. Não significa, certamente, negar as demais dimensões, mas, pela natureza pouco explorada do tema, apresentar um mapeamento da questão, fornecendo bases para desdobramentos em outros estudos.

O artigo parte da compreensão e contextualização do objeto e sua inserção como problema para o campo acadêmico dos estudos de mídia, para, então, analisar diferentes graus da ocorrência do *flaming*. Pretende, deste modo, situar a questão em um painel de ocorrências, dando relevo aos graus mais brandos e construtivos até os graus mais extremados e perniciosos socialmente.

FLAMING: LINCHAMENTO MORAL PELA INTERNET

Uma pessoa pouco habituada com o tema pode identificar o *flaming*, a princípio, simplesmente como uma acalorada discussão virtual entre dois ou mais indivíduos em discordância sobre pontos polêmicos. Entretanto, uma observação mais profunda do fenômeno será capaz de revelar graus em que a prática assume contornos mais violentos de *cyberbullying*, já tendo levado, em algumas sociedades, pessoas ao suicídio, à demissão do emprego, ao abandono familiar, à evasão escolar etc. (WALKER, 2012; LERNER, 2011; WILLARD, 2007; LEE, 2005).

O fenômeno ainda é pouco estudado. Um dos primeiros estudos foi feito por Steele (1983), quando foi definido como uma conversa rápida e incessante sobre um tópico desinteressante ou com uma atitude ridícula. Posteriormente, em 1992, Martin Lea et al. (1992) demonstraram preocupação com o surgimento



e crescimento das referências ao *flaming* como um comportamento desinibido e hostil associado com a comunicação mediada pelo computador.

Em 1994, Mark Dery tentou tratar do tema na obra "*Flame wars: the discourse of cyberculture*", mas, infelizmente, o resultado foi uma limitada reprodução do senso comum da época acerca do *flaming* como troca de mensagens acaloradas entre usuários, sem maiores consequências. O trabalho de Dery (1994) voltou-se mais para aspectos técnicos da discussão do que para o fenômeno em si. Não havia nessa abordagem a percepção sobre os aspectos mais intensos da questão, o que pode ser justificado pelo estado insipiente do próprio fenômeno naquele período.

Em 1995, Franco et al. publicaram o artigo "Anatomy of a flame", no qual defendiam que, apesar da percepção negativa que as hostilidades do *flaming* geravam, elas poderiam contribuir para a identificação de valores comuns nas comunidades virtuais. Se tal posicionamento, por um lado, advoga o processo de construção de uma identidade coletiva, por outro, ignora irresponsavelmente que o *flaming*, na qualidade de *cyberbullying*, produz efeitos psicológicos e sociais que não podem ser negligenciados. Isso se agrava se considerarmos que, muitas vezes, tais práticas envolvem (ou se voltam contra) crianças e adolescentes. Logo, a perspectiva de Franco et al. (1995) soa ingênua, possivelmente, por conta de o *corpus* de sua análise estar concentrado apenas nas *flame wars* desenvolvidas em grupos de discussão não moderados devotados especialmente ao desenvolvimento de comunidades *online*.

Uma análise mais atenta foi elaborada por Paul Baker, em 2001, em um estudo envolvendo o *Usenet group alt.tv.melrose-place* e as reações ali estabelecidas em relação às postagens. O autor

deu especial relevo à anonimidade do emissor como ponto central do surgimento do *flaming*, principalmente nos casos em que este ganha contornos cada vez mais agressivos à medida que o debate é inflamado:

*In flame wars, flames can give rise to other flames, involving more and more posters, some who may be angry that the flame war is taking over the newsgroup. The tone of flames is intentionally aggressive and numerous methods of attack are used, ranging from intellectualized debate, through biting sarcasm to scatological abuse.*¹ (BAKER, 2001)

Em 2003, O'Sullivan e Flanagin apresentaram uma definição para *flaming* como sendo um conceito emergente do discurso popular em comunidades *online* para descrever interações agressivas e hostis. Por sinal, a própria terminologia (*flame*) já evoca a ideia de "debate inflamável", uma vez que a exacerbação está intrinsecamente relacionada à essência do fenômeno. É justamente nessa extrapolação que a *flame war* ganha seu viés mais preocupante, pois aí se dá um deslocamento do debate em torno de uma ideia para o processo de linchamento moral pela Internet. Este pode se dar de maneira mútua ou unilateral.

Segundo Kowalski et al. (2012), a expressão *flaming* pode ser entendida como uma notícia, mensagem ou postagem entre dois ou mais indivíduos que começa a ser acaloradamente discutida, por

¹ Nas *flame wars*, os *flames* [postagens em contenda] podem acarretar outros *flames*, envolvendo mais e mais pessoas realizando postagens, algumas pessoas podem ficar furiosas pela *flame war* atingir todo o *newsgroup*. O tom dos *flames* é intencionalmente agressivo e numerosos métodos de ataque são usados, variando do debate intelectualizado, através de sarcasmo cortante ao abuso escatológico (tradução livre do autor).

meio de diversos canais de comunicação digital, mas principalmente em “espaços públicos” virtuais, como grupos de e-mail, salas de bate-papo (*chat room*), fóruns, além de espaços privados como e-mail, mensagens de celular, WhatsApp etc. A discussão normalmente começa a ser configurada como *flaming* quando a troca de insultos entre os envolvidos começa a tomar proporções maiores do que a informação originalmente tida como foco da discussão. É nesse ponto que a *flame war*, propriamente dita, se inicia.

A *flame war* pode ser descrita como um conflito de opiniões que toma lugar em fóruns, redes sociais e outros espaços de discussão *online* (LEA et al., 1992). Mais do que uma simples desavença ou discordância, envolve uma torrencial quantidade de postagens e/ou mensagens de natureza pejorativa, muitas vezes “*off-topic*”. O “*flaming*” se desconecta da discussão e passa a ter por meta a promoção de um “linchamento *online*”, concentrando-se mais na humilhação, ofensa e desacreditação do opositor do que no combate das ideias em si.

A maioria das organizações que mantém fóruns de discussão e plataformas de comunicação virtual apresenta aos seus usuários orientações sobre netiqueta, as quais costumam ser aceitas por mera adesão — clique automático, sem a efetiva leitura pelos usuários —, visto ser um passo obrigatório para o cadastramento. Tais diretrizes costumam destacar a importância do tratamento respeitoso em processos de comunicação *online*, bem como a possibilidade de exclusão da plataforma caso a urbanidade entre os usuários não seja respeitada. A ênfase das advertências costuma dar destaque à qualidade das discussões e aos procedimentos técnicos; entretanto, todas essas medidas possuem natureza meramente reativa, dependendo de denúncias para que comece a ser apurado o

fato. Muitas vezes, um processo menos ágil que a ocorrência do próprio *flaming*, cujas proporções perdem facilmente as evidências de seu epicentro e ocorrem de forma acelerada.

É importante destacar que o *flaming* não é a única prática de *cyberbullying*. Outras formas, como o *harassment* (assédio), *denigration* (difamação), *impersonation* (falsa identidade), *outing and trickery* (saída e travessura), *exclusion* (exclusão), *cyberstalking* (ciberperseguição) e *cyberthreats* (ameaça cibernética)², coexistem e, eventualmente, são tomadas umas pelas outras. O *flaming* pode adotar ações comuns a outras formas, principalmente do *harassment*, *denigration* e *cyberstalking*, sendo importante evidenciar os pontos centrais do objeto deste artigo. Enquanto práticas como o *harassment* tendem a ter um efeito de longa duração, o *flaming* é mais intenso, porém mais breve. Nancy Willard (2007) destaca, ainda, que um dos pontos centrais sobre a prática do *flaming* reside no fato de que os comentários são sempre acalorados, podendo incluir, de forma velada ou explícita, ameaças de violência, sejam elas plausíveis ou não. Do ponto de vista de sua forma, as mensagens tendem a ser mais rudes, ofensivas e vulgares. Outro aspecto que o diferencia diz respeito à dimensão pública que possui. Embora seja possível a inclusão de comunicação direta e privada entre os envolvidos, esse tipo de troca de informação é exceção e nunca exclui as manifestações públicas, sendo os ambientes virtuais públicos a principal arena do *flaming*.

Segundo Alonzo e Aiken (2004), a anonimidade viabilizada pelas comunidades virtuais permite que as

² Apesar de destacadas entre parênteses as traduções dos termos para o português, o uso da terminologia em inglês é mais usual. Por essa razão, optou-se pela manutenção das mesmas ao longo do texto.



peças escrevem conteúdos que normalmente não expressariam em um processo de comunicação face a face. Para os autores, o *flaming* se instaura justamente nesse sentido, ou seja, como uma transgressão condicionada à mediação eletrônica. Os autores usam a teoria dos usos e gratificações aplicadas em um contexto de comunicação anônima envolvendo 160 sujeitos. Seus resultados mostraram um alto grau de assertividade e de sensação de recompensa pelos *flamers*, especialmente entre os participantes do sexo masculino, que aderiram muito mais ao *flaming* do que os participantes do sexo feminino.

O FLAMING COMO CYBERBULLYING: IMPACTOS SOCIOCULTURAIS EM DIFERENTES CONTEXTOS

O elemento que desencadeia uma *flame war* pode consistir em mera falha de percepção do receptor ou da expressão do emissor. Vale destacar que os *flamers* (praticantes de *flaming*) costumam tomar o próprio processo de linchamento moral como cerne de sua ação, deixando, muitas vezes, em segundo plano, o próprio fato gerador da discussão. Em 1989, o político Paulo Maluf, durante um discurso para médicos e estudantes, proferiu a infeliz frase: “O que fazer com um camarada que estuprou uma moça e matou? Tá bom. Tá com vontade sexual, estupra. Mas não mata” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2000). O comentário impensado e mal formulado levou a figura pública de Maluf ao centro de um *flaming* por pessoas e grupos mais aguerridos e engajados, principalmente nas redes sociais. Um dos principais ataques ocorreu em setembro de 2000, com a invasão do site oficial de Maluf (<http://www.maluf.com.br>) e o envio de uma mensagem em massa, imitando um informativo para os cadastrados, escrito em nome do político, o qual dizia: “Meus queridos eleitores, às vésperas de mais uma eleição, gostaria

de lembrá-los dos meus feitos históricos” (SOARES, 2000). Logo depois, destacava fatos pitorescos da vida política de Maluf, com destaque para a frase “estupra, mas não mata”. Mesmo sem qualquer escusa cabível, o contexto³ em que se deu a declaração permitia deduzir a intenção original do político ao tentar escalonar uma ordem de gravidade criminal, para defender a prisão perpétua para o crime mais grave. Contudo, a falha de sua expressão tornou-o facilmente elegível para o alvo do *flaming*. Nesse caso, porém, talvez pelo próprio descrédito do alvo, a grande maioria das manifestações abordou a questão com ataques voltados mais para reforçar a sua desqualificação do que para agredi-lo moralmente. Esse tipo de variação mais leve de *flaming* pode ser enquadrado nas ações que se convencionou chamar de *trolling* (“trolagem”, em português). Trata-se da articulação e distribuição de conteúdo vexatório ou humilhante nas mídias do ciberespaço (redes sociais, fóruns, blogs etc.), promovendo controvérsias menos engajadas se comparadas às *flame wars*.

O *troll* (praticante de *trolling*) é, via de regra, mais identificado com a figura de um “baderneiro virtual”, diferenciando-se do *flamer*, que apresenta um maior grau de envolvimento com as questões em conflito. Normalmente, o *troll* apresentará um comportamento voltado para a desestabilização de discussões em comunidades virtuais, promovendo

³ Uma série de crimes envolvendo estupro seguido de assassinato ocorreu no período, e Paulo Maluf tentava escalonar a ordem de gravidade para justificar sua defesa pela adoção da prisão perpétua em relação ao crime mais grave. Entretanto, a formulação de sua frase foi catastrófica, sendo amenizada somente pelo caráter anedótico que o próprio político já acumulava em sua carreira com pronunciamentos infelizes: “Eu roubo, mas faço!”, “No Brasil, o político é veado, corno ou ladrão. A mim, escolheram como ladrão”, entre outros.

provações, sem a intenção de participar delas. A origem do termo remete à expressão *trolling* usado na pesca, que diz respeito à prática de lançar iscas aleatoriamente (sem indicação para um tipo específico de peixe), aguardando eventual resultado. No ciberespaço, é empregado para o indivíduo que promove a ruptura da netiqueta, testando a reação e resistência de seus alvos.

Embora, do ponto de vista do *flaming* em si, o caso Maluf não tenha chegado a uma *flame war*, ele destaca uma das razões mais constantes de ocorrência desta — a inadequada compreensão/expressão de uma ironia, sarcasmo, contexto e outros elementos modificadores da ação comunicativa, que são, em grande parte, o fato gerador de uma campanha de *flaming*. Kruger et al. (2005), a partir da realização de cinco experimentos, revelaram que a redução dos elementos paralinguísticos (gestos, ênfase, entonação etc.) nos ambientes virtuais tende a desenvolver um excesso de confiança dos usuários em seus próprios pontos de vista em relação ao ponto de vista de terceiros, gerando uma tendência ao egocentrismo e à dificuldade de desapego da própria perspectiva em relação à avaliação da perspectiva do outro, mesmo diante de argumentos lógicos e coerentes.

A continuidade e ampliação de uma *flame war*, tanto nos casos em que uma legião se volta contra um indivíduo quanto nos casos em que dois ou mais grupos se enfrentam, tendem a estabelecer situações de “pânico moral” (JOHNSON, 1999). Este pode ser entendido como o esforço de um grupo para exercer “controle moral” sobre outro indivíduo ou grupos. Em geral, o estopim é algum conteúdo relacionado a questões vistas como ameaçadoras para uma representação estabelecida e aceita na esfera cultural, política e/ou religiosa dos grupos envolvidos. Esse conteúdo não precisa ser originariamente criado ou distribuído

através de um meio disponível na Internet. Uma entrevista televisiva, um depoimento radiofônico ou uma matéria de jornal impresso pode ser o gatilho para uma *flame war*, sendo o debate transportado para o ambiente virtual e, via de regra, desvirtuado em relação ao seu início.

Em 2012/2013, houve no Brasil um fenômeno que serve como ilustração de uma campanha de *flame war* que atingiu as proporções de situação de “pânico moral”. Tratou-se da defesa, pelo político Jair Bolsonaro — aliado a uma bancada conservadora e evangélica —, a favor da aprovação do projeto conhecido como “Cura Gay” (HESSEN, 2013), de autoria do deputado João Campos. A proposta buscava derrubar uma resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), colocando a homossexualidade como uma doença passível de cura. Rapidamente, a discussão atingiu o ciberespaço e mobilizou milhares de pessoas, contra e a favor. A discussão logo ultrapassou o tema em si, iniciando uma *flame war* em torno da figura de Bolsonaro. O “linchamento moral” tomou lugar em diferentes plataformas midiáticas e uma torrente de postagens, que variavam da indignação agressiva e revoltada ao descrédito moral pelo sarcasmo e comicidade, se generalizou.

Uma enxurrada de *posts* explodiu no Twitter e outras redes sociais, envolvendo pessoas comuns e celebridades, nacionais e internacionais, como Gerald Way (vocalista da banda *My Chemical Romance*), Morrissey e outros (Figura 1).



@marcofeliciano To quote Morrissey, at a concert I attended, and directed at a security guard bullying a kid-
“You’re an ugly, ugly man”

Figura 1: Cópia de postagem na rede social Twitter



Ao longo da pesquisa, tantos outros registros no Twitter, Facebook e diversos fóruns de discussão foram acompanhados e registrados; todavia, pela natureza efêmera e em fluxo das postagens em redes sociais, a indicação caso a caso fica inviabilizada, cabendo à pesquisa expositiva seu registro. O fórum de discussão Gospel10 se alinhou com as defesas do bloco pró-“Cura Gay”, por exemplo, no tópico “Quem tem medo de ser acusado de homofobia”:

anderszion: Passeata gay é uma vergonha, sem pudor e sem respeito. É pior que desfile de Carnaval, pois eles zombam da fé alheia e menosprezam as pessoas com suas obscenidades em ar livre. [...]

Xsara33: O terrorismo tem vindo da parte deles em relação á nós, se travestindo de Jesus Cristo em desfiles e passeatas gays, nos chamando de homofóbicos, se esfregando e se beijando na frente das nossas crianças, nos afrontando em cultos ao ar livre fazendo gestos obscenos, jogando frutas e ovos em cima de nós, cuspiendo, etc etc etc... (GOSPEL10, 2013)

Sites como o Mix Brasil, orientado para o público gay, atacaram políticos que apoiavam Bolsonaro, como o deputado Marco Feliciano, da bancada evangélica, enquanto sites evangélicos, como o Gospelmais (2012), reagiram contra as acusações. No dia 30 de maio de 2013, a repercussão da *flame war* impactou inclusive empresas privadas, e a Apple excluiu da AppStore, atendendo a uma petição *online*, o aplicativo *Setting Captives Free*, que oferecia um curso sobre “cura gay” (G1, 2013).

A questão, que envolvia fortes aspectos científicos e religiosos, convocou para a “guerra” combatentes de todos os lados. Multiplicavam-se, aceleradamente, postagens tanto denegrindo a imagem de Bolsonaro,

no sentido de representá-lo como um reacionário ignorante e violador dos Direitos Humanos⁴, quanto elevando-o como ícone da moralidade cristã e protetor da família tradicional e dos bons costumes. Cada vez mais, os debates abandonavam a discussão acerca da legalidade do projeto, que, em essência, estava ligado a uma questão técnica da área de saúde, para instaurar uma arena de ofensas e provocações nitidamente apoiadas no “pânico moral”. Esse caso destaca o processo amorfo que assumem, em geral, as *flame wars*.

Embora algumas ocorrências de *flaming* sejam observadas no Brasil, não se verifica, ainda, o impacto social que a prática gera em outras culturas. Em países como o Japão e os Estados Unidos, o paradigma da imagem social é muito importante, e o ciberespaço foi incorporado pelas novas gerações como local de legitimação dessa imagem. A humilhação, degradação ou exposição vexatória nesse contexto revela-se como extensão da própria existência cotidiana.

No Japão, por exemplo, a noção de “eu” é socialmente mais indeterminada por ser “definido, em função da circunstância, pela relação com o outro: sua validade é circunstancial” (NAKAGAWA, 2008, p. 26). O modo como o sujeito está para a sociedade é um aspecto fundamental na cultura japonesa. Nessa sociedade, como destaca Christine Ferreira (2006, p. 5), “o individual dá lugar sempre ao coletivo como valor social. Portanto, ao mesmo tempo em que o sujeito como unidade estável é posto em questão, a

4 No site *Pragmatismo político* (2012), a matéria “Menino vítima de *bullying* homofóbico se enforca com cinto da mãe; família não se conforma” ataca Bolsonaro: “Jovem gay submetido a ‘sessão de cura’ em Igreja foi eletrocutado, queimado e ... uma roda ao redor do menino, que foi humilhado e empurrado. ...Bolsonaro, essa vai para a sua conta, assassino”.

legitimação do indivíduo como unidade social também se mostra refutável”. Deste modo, institui-se um elevado grau de exigência de si mesmo, em face do receio da destruição da imagem social do indivíduo pela difamação, que, nesse contexto, implica em ostracismo e rejeição, muitas vezes, autoimpostos.

A dimensão social do ciberespaço penetra e se confunde, hoje, com a esfera social do cotidiano japonês (KUBOTA, 2007). Em 2007, o estudante Makoto foi alvo de uma *flame war* (KUBOTA, 2007; STUDYMODE, 2012) iniciada por colegas de escola que não gostavam dele. Começaram a surgir mensagens em e-mails, celular e blogs dizendo que nenhuma das pessoas ao seu redor gostava dele e que ele era um pessoa inútil para a sociedade. A ofensiva incluiu a divulgação de fotos do estudante em sites com ofensas e uma torrente de mensagens recebidas diariamente, sugerindo que ele se suicidasse, além de outras ofensas. Makoto deixou de ir à escola, tornou-se anorético, não saiu do quarto por quase um ano até, por fim, tentar o suicídio por duas vezes. Essa é apenas uma ilustração de um dos possíveis impactos do *flaming* nessa sociedade. Segundo pesquisa realizada pelo Conselho de Educação de Hyogo, cerca de 10% dos estudantes japoneses são alvo desse tipo de *cyberbullying* (KUBOTA, 2007), o que não quer dizer que os adultos não sejam alvos potenciais. No Japão, uma campanha de *flame war* não se limita ao ataque verbal. Algumas vezes, pessoas passam a ser seguidas nas ruas e suas vidas privadas são expostas publicamente na web e ridicularizadas em cada lugar que elas frequentam, sendo axovalhadas até o último grau. Nesse nível, por exemplo, quando o alvo entra em um restaurante, postagens podem aparecer na fanpage do restaurante, indicando a presença do indivíduo, onde está sentado e as acusações/ofensas que sobre ele pairam. Esse

nível de *flaming* pode levar uma pessoa até mesmo a perder o emprego, ser abandonada por amigos e familiares, entre outras consequências.

Apesar da extrema gravidade do fenômeno no Japão, nos últimos anos, tem-se observado uma elevação da ocorrência de *flaming* em outros países. Em 2014, nos Estados Unidos, o New York Times (NYT) foi alvo de uma *flame war* iniciada por segmentos conservadores norte-americanos. O início do *flaming* foi uma matéria escrita por Jennifer Steinhauer (2014) e publicada pelo jornal sobre o ex-embaixador da ONU, John Bolton, intitulada “*Former envoy pipes up in conservative chorus of ‘told you so’ on Iraq*”. O texto abordava os ataques de Bolton ao presidente Barack Obama por sua política em relação ao Iraque. Bolton foi procurado pela autora do artigo, mas seu porta-voz, Richard Grenell, informou que a entrevista somente seria permitida se a repórter tivesse consigo um e-mail de um legislador republicano, indicando seu nome para a entrevista. A solicitação inusitada foi informada no Twitter oficial do NYT, com link para Grenell. O post deu início a uma *flame war*. Grenell revidou, atacando a idoneidade do NYT e da jornalista pela publicação de uma condição informada privadamente, o que atraiu uma enorme gama de republicanos para a discussão. Por outro lado, outros repórteres se juntaram à discussão, especialmente Dylan Byers, do *Politico*, e McKay Coppins, do *Buzzfeed*. A questão começou a se acalorar ainda mais quando o site conservador *The Dayly Caller* estampou a manchete “*Grenell: New York Times lied about John Bolton in piece defending Obama*” (HOWLEY, 2014). A questão central (recusa da entrevista sobre os ataques quanto às políticas em relação ao Iraque) saiu de cena e, em seu lugar, instaurou-se um festival de acusações em mão dupla de ordem particular em sites, blogs e mídias sociais.



I have to make this point: why is it acceptable for the New York Times to make fun of a Republican's appearance? Jennifer consecutively makes fun of Bolton's moustache. I wonder how she would feel if her appearance was mocked in a national newspaper?, Grenell said. The New York Times has a serious credibility problem with conservatives — whether they want to admit it or not. Jennifer's latest piece is only the latest proof. Republicans should take note. (HOWLEY, 2014)

Posteriormente, Grenell atacou Steinhauer descrevendo como risível e ridícula sua interpretação dos fatos. A partir daí, a *flame war* se estabeleceu, alavancando mais e mais pessoas para uma contenda com contornos cada vez mais pessoais e menos polidos. Nas redes sociais, os comentários eram ainda mais acalorados e ofensivos.

Em qualquer desses contextos, é possível observar como o *flaming* se estabelece mais como uma arena para a discussão subjetiva — focada em alvos — do que como ágora para debate de ideias. Em ambientes como as redes sociais, observa-se, do ponto de vista da Lógica e da Retórica, uma hegemonia do raciocínio indutivo sobre o dedutivo na maioria dos debates e postagens durante uma *flame war*, fato este que favorece a generalização dos raciocínios rasos. Soma-se a isso a velocidade de adesão de pessoas e replicação do conteúdo em ambientes virtuais, o que colabora para a formação de uma “percepção de veracidade” em torno do dado replicado.

ESTRATÉGIAS DE DEFESA CONTRA FLAMING

Em estudo etnográfico de um *newsgroup* da Usenet, o pesquisador Hangwoo Lee (2005), da Chungbuk National University (Coreia), identificou padrões de

comportamento de gestão de conflitos que vêm sendo adotados em tentativas de finalização ou esquiva de *flame wars*, tais como: saída da discussão (quando realizada em uma só mídia), denúncia ao mantenedor da plataforma, mediação em conflitos de terceiros, criação/evocação de normas de uso, entre outros.

Outro ponto que precisa ser observado diz respeito ao papel indireto da indefinição das fronteiras geográficas e culturais na comunicação *online* em discussões que gravitam em torno de contextos culturais específicos. Muitas vezes, o surgimento de um *flaming* pode ocorrer pela junção do distanciamento cultural das partes e aceleração da comunicação. Um brasileiro pode iniciar uma *flame war* em um fórum internacional em relação às manifestações de um japonês, atrair a atenção de um norte-americano e de um árabe para a discussão, estabelecendo uma guerra sobre aspectos culturalmente destituídos de significado para a outra cultura. Vale observar que o mesmo pode se dar pelo distanciamento cultural até mesmo em uma grande cidade (elite *versus* periferia). A conexão *online* nesse sentido agrava a ilusão de uma conexão cultural que, na prática, nem sempre existe. O efetivo distanciamento geográfico e cultural somado à ilusão de compartilhamento contextual oferecido pelas tecnologias digitais prejudica a contraposição dos contextos culturais e sua mediação. Se, por um lado, temos a impressão de que a troca é favorecida pela aceleração do processo informacional, por outro, essa mesma aceleração demanda *feedback* sem tempo para acomodação das novas informações e reflexão sobre as diferenças culturais.

As possibilidades levantadas por Lee (2005) apresentam um recurso imediato de finalização do embate, mas não de composição de ideias. Novamente, a aceleração do processo apresenta recursos funcionais, mas não políticos, em um sentido mais amplo.

Philip Thompsen (1996) realizou um estudo experimental no qual buscou examinar os efeitos dos pictogramas conhecidos como *emoticons* (símbolos tipográficos usados para sinalização de estados emocionais) e citações (*quoting*) no processo perceptual dos usuários de e-mails em situação de *flaming*. Seus resultados evidenciaram significativa melhora na percepção do sentido das mensagens em que pictogramas e citações foram usados. A melhora no entendimento da carga emocional (sarcasmo, ironia, brincadeiras) favoreceu a percepção de condições para evitar o *flaming*. Esse resultado vai ao encontro do trabalho de Kruger (2005), anteriormente discutido neste artigo, minimizando o efeito de autoconvencimento, mas sem chegar a afetar os casos de autoconfiança exacerbado pelo isolamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente estudo descritivo, foram apresentados horizontes que abrem caminhos para possíveis desdobramentos em pesquisas teóricas, empíricas e experimentais posteriores. A análise descritiva do *flaming* e algumas de suas variantes nos permite ver comparativamente algumas de suas práticas, percebendo diferenças de nuances entre práticas típicas e assemelhadas (como o *trolling*).

Tais práticas, como bem destaca Manuel Castells (2013), têm hoje na Internet um grande poder de mobilização, principalmente em face de redes sociais como o Twitter e o Facebook. Trata-se da construção de um novo espaço público, no qual questões locais e universais são articuladas, gerando manifestações de contrapoder, bem como novas relações de tirania. Se, por um lado, o *flaming* viabiliza a insurreição legítima, por outro — e na maioria das vezes —, implica em uma prática que ultrapassa limites de civilidade e

respeito ao outro, configurando aí práticas de *bullying* virtual, com consequências que podem chegar a situações extremas. O tema ainda é pouco discutido no Brasil, deixando abertos caminhos para futuras ampliações e desdobramentos.

Trata-se não apenas de um fenômeno comunicacional, mas também de uma prática intimamente relacionada com a constituição do sujeito midiático contemporâneo, estando inseridos nele aspectos sociais e políticos que exigem a atenção do campo dos estudos midiáticos.

REFERÊNCIAS

ALONZO, Mai; AIKEN, Miliam. Flaming in electronic communication. *Decision Support System*, v. 36, n. 3, 2004, p. 205-213.

BAKER, Paul. Moral panic and alternative identity construction in Usenet. *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 7, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2001.tb00136.x/full>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DERY, Marc. *Flame wars: the discourse of cyberculture*. Durham: Duke University Press, 1994.

FERREIRA, Christine. Identidade, sujeito e fragmentação: uma análise de stupeur et tremblements, de Amélie Nothomb. *Cadernos Neolatinos*, ano V, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://www.letas.ufrj.br/neolatinas/pages/publicacoes/cadernos-neolatinos/ano-v---ndeg-5/apresentacao.php>>. Acesso em: 07 nov. 2014.



FOLHA DE SÃO PAULO. Frase foi dita em Belo Horizonte. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 de setembro de 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1909200016.htm>>.

Acesso em: 07 nov. 2014.

FRANCO, Vivian et al. Anatomy of a flame: conflict and community building on the Internet. *Technology and Society Magazine, IEEE*, v. 14, n. 2, p.12-21, 1995.

G1. *Apple exclui de loja aplicativo que prometia 'cura gay'*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/05/apple-exclui-de-loja-aplicativo-que-prometia-cura-gay.html>>.

Acesso em: 07 nov. 2014.

GOSPEL10. *Quem tem medo de ser acusado de homofobia?* 2013. Disponível em: <<http://www.gospel10.com/forum/topico--quem-tem-medo-de-ser-acusado-de-homofobia--4169>>.

Acesso em: 07 nov. 2014.

GOSPELMAIS. *Site gay classifica pastor Marco Feliciano como "deputado homofóbico" e critica iniciativas contrárias aos ativistas homossexuais*. 2012. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/site-gay-pastor-marco-feliciano-deputado-homofobico-33533.html>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

HESSEN, Myrcia. "Bolsonaro que Cura Gay". *Diário do Poder*, 03 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.diariodopoder.com.br/noticias/para-bolsonaro-cura-gay-defenderia-psicologos/>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

HOWLEY, Patrick. Grenell: New York Times lied about John Bolton in piece defending Obama. *The Daily Caller*, June 20, 2014. Disponível em: <[\[dailycaller.com/2014/06/20/former-u-s-diplomat-new-york-times-lied-about-john-bolton-in-piece-defending-obama/\]\(http://dailycaller.com/2014/06/20/former-u-s-diplomat-new-york-times-lied-about-john-bolton-in-piece-defending-obama/\)>. Acesso em: 07 nov. 2014.](http://</p></div><div data-bbox=)

JOHNSON, Sally. From linguistic molehills to social mountains? Introducing moral panics about language. *Working Paper* No. 105. 1999. Disponível em: <<http://ling.lancs.ac.uk/pubs/clsl/clsl105.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

KOWALSKI, Robin et al. *Cyberbullying: bullying in the Digital Age*. Malden: John Wiley & Sons, 2012.

KRUGER, Justin et al. Egocentrism over e-mail: can we communicate as well as we think? *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 89, n. 6, p. 925-936, 2005.

KUBOTA, Yoko. Cyberbullying bedevils Japan. *Reuters*, November 11, 2007. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/2007/11/12/us-japan-cyberbullying-idUST1761020071112>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

LEA, Martin et al. 'Flaming' in computer-mediated communication: observations, explanations, implications. In: _____. *Contexts of computer-mediated communication*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf, 1992. p. 89-112.

LEE, Hangwoo. Behavioral strategies for dealing with flaming in an online forum. *The Sociological Quarterly*, v. 46, n. 2, p. 385-403, 2005.

LERNER, David. *Cyberbullying among children in Japanese and American Middle Schools: an exploration of prevalence and predictors*. Dissertação (Master of Arts) –Arizona State University, Tempe, 2011.

NAKAGAWA, Hisayasu. *Introdução à cultura japonesa: ensaio de antropologia recíproca*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

O'SULLIVAN, Patrick; FLANAGIN, Andrew. Reconceptualizing 'flaming' and other problematic messages. *New Media & Society*, v. 5, n. 1, p. 69-94, 2003.

PRAGMATISMOPOLITICO. *Menino vítima de bullying homofóbico se enforca com o cinto da mãe; família não se conforma*. 2012. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/02/menino-vitima-de-bullying-homofobico-se-enforca-com-o-cinto-da-mae-familia-nao-se-conforma.html>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

SOARES, Marcelo. Maluf sofre sabotagem digital em e-mail. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 de outubro de 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2410200025.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

STEELE, Guy. *The hacker's dictionary: a guide to the world of computer wizards*. New York: Harper Collins, 1983.

STEINHAUER, Jennifer. Former envoy pipes up in conservative chorus of 'told you so' on Iraq. *The New York Times*, New York, June 18, 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/06/19/us/situation-in-iraq-gives-bush-team-members-chance-to-second-guess.html?_r=1>. Acesso em: 07 nov. 2014.

STUDYMODE. *Cyber Bullying*. 2012. Disponível em: <<http://www.studymode.com/essays/Cyber-Bullying-1285957.html>>. Acesso em: 07 nov. 2014.

THOMPSEN, Philip. Effects of pictographs and quoting on flaming in electronic mail. *Computers in Human Behavior*, v. 12, n. 2, p. 225-243, 1996.

WALKER, Rebecca. Consciousness-raising in a child abuse flame war over fan fiction. *Media International Australia, Incorporating Culture & Policy*, n. 144, p. 19-262, 2012. Disponível em: <<http://search.informit.com.au/documentSummary;dn=716557784444688;res=IELLCC>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

WILLARD, Nancy. *Cyberbullying and cyberthreats: responding to the challenge of online social aggression, threats, and distress*. United States: Research Press, 2007.

Flaming e cyberbullying:
o lado negro das novas mídias
Glaucio Aranha

Data de envio: 11 de agosto de 2014
Data de aceite: 13 de novembro de 2014.

